

# Desenvolvimento longe do campo

**N**ão é preciso ser especialista para observar que é nas regiões do Brasil onde a agricultura mais se desenvolveu que estão os agricultores mais carentes, os melhores, menos desenvolvidos. Não é por acaso que as estatísticas brasileiras mostram que apenas alguns anos foram suficientes para que o número de pessoas que antes faziam parte da população rural, agora engordam a estatística populacional das cidades.

Quem diz é Evaristo Eduardo de Miranda, coordenador de pesquisas do Centro Nacional de Pesquisas de Defesa da Agricultura (CNPDA), da Embrapa, que na semana passada esteve em Londrina onde falou a pesquisadores do Centro Nacional de Pesquisa de Soja e Instituto Agronômico do Paraná.

Miranda esteve muito à vontade para falar sobre uma questão polêmica: desenvolver a agricultura ou os agricultores. Afinal, ele vem conduzindo trabalhos de pesquisa no CNPDA, procurando avaliar o impacto da modernização da agricultura no meio rural.

O pesquisador lembrou que o desenvolvimento da agricultura brasileira nos últimos 20 anos não foi sinônimo de desenvolvimento para a maioria dos agricultores. Pelo contrário, as regiões do País que mais cresceram em termos de produção e produtividade foram, também, as que apresentaram uma drástica redução da população rural, além de fenômenos importantes de concentração fundiária, proletarianização rural e degradação do meio ambiente.

## Prioridade às cidades

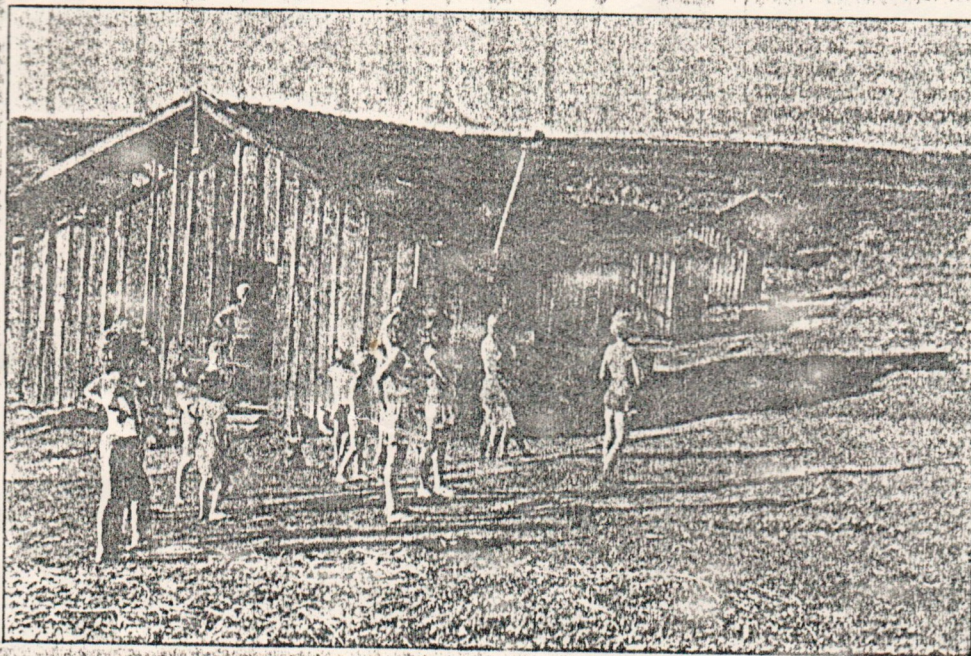
Segundo Miranda, o desenvolvimento agrícola sempre foi definido em função das cidades, dos interesses industriais urbanos. Hoje, por exemplo, o Brasil coloca como prioridade nacional a produção de alimentos que possam custar pouco nas cidades, ao mesmo tempo em que quer produzir excedentes exportáveis e energia.

Todas essas prioridades são do Governo, mas são de responsabilidade de milhares de pequenos produtores rurais que não têm essa prioridade. Nem meios para isso. Como os agricultores de Rio Azul, no Paraná, ou do Nordeste brasileiro podem produzir alimentos para as cidades se mal conseguem produzir para o próprio sustento? — pergunta Miranda, que considera haver um disparate entre as políticas agrícolas que são determinadas pelo setor industrial urbano.

Miranda diz não entender como os governantes podem traçar metas de aumento da produção de alimentos, nu-

**A agricultura brasileira conquistou níveis tecnológicos que não ficam atrás de muitos dos chamados países desenvolvidos. Colheitadeiras e tratores cada vez mais potentes, variedades altamente produtivas e menos dependentes de insumos, controles biológicos cada vez mais aperfeiçoados. A pesquisa brasileira, por exemplo, tem tecnologias capazes de duplicar a produção de grãos do País.**

**Todo este avanço tecnológico, no entanto, contrasta com o quase estagnado desenvolvimento de milhares de agricultores brasileiros, que em muitas regiões brasileiras não dispõem sequer de infra-estrutura básica para sua sobrevivência**



que coloque suas metas no papel e se discuta as formas de conseguí-las, apenas em gabinetes. Para se chegar a isso é preciso, antes de tudo, dar condições para que os agricultores se desenvolvam em suas propriedades.

É preciso que a agricultura não mais financie as cidades, como ocorreu entre os anos 70 e 75, quando a agricultura brasileira foi taxada na sua renda pelo setor urbano em 40 por cento.

Além disso, o setor agrícola não pode mais ser chamado a bancar os problemas das cidades, sempre em detrimento do desenvolvimento de seus agricultores.

## Agricultores é a prioridade

Para Miranda, se realmente o Brasil quiser aumentar sua produção de grãos, não basta

que coloque suas metas no papel e se discuta as formas de conseguí-las, apenas em gabinetes. Para se chegar a isso é preciso, antes de tudo, dar condições para que os agricultores se desenvolvam em suas propriedades.

É preciso que a agricultura não mais financie as cidades, como ocorreu entre os anos 70 e 75, quando a agricultura brasileira foi taxada na sua renda pelo setor urbano em 40 por cento.

Além disso, o setor agrícola não pode mais ser chamado a

bancar os problemas das cidades, sempre em detrimento do desenvolvimento de seus agricultores.

As necessidades das cidades são tantas que nunca sobra recursos para que os Governos possam investir em programas que deem condições ao homem do campo permanecer em suas terras. "O que todos parecem ter esquecido é que a produção e a produtividade da agricultura poderiam aumentar consideravelmente se os agricultores não tivessem, por exemplo, que se deslocar de suas propriedades para a cidade para receberem assistência médica, comprarem mantimentos, saldarem suas dívidas bancárias e, em regiões como o Nordeste, irem em busca de água potável" — enfatiza Miranda.

Além disso, a pesquisa agrícola brasileira precisa chegar mais perto dos agricultores, criando e desenvolvendo pesquisas não atendendo apenas às prioridades do Governo, mas às necessidades do homem do campo.

A Embrapa, através de seu Centro de Pesquisa do Trópico Semi-Árido, deu um bom exemplo de que a pesquisa pode induzir os agricultores a aumentarem sua produtividade, melhorando sua condição de vida — segundo o pesquisador do CNPDA.

Hoje, o agricultor nordestino não tem que perder tempo na busca de água potável, nem seus animais morrem mais de sede. É que os pesquisadores do Centro de Pesquisa do Trópico Semi-Árido desenvolveram métodos de captação de água nas propriedades, fazendo com que o agricultor nordestino não tenha mais de abandonar suas lavouras por um período de 45 a 60 dias que ele perdia por ano, só pa-

ra buscar água potável. Além disso, os índices de agricultores doentes — com diarreia, principalmente — diminuíram consideravelmente e eles não perdem mais os 15 dias por ano, em média, que passavam sem trabalhar para se recuperarem das doenças.

Segundo Miranda, a captação de água potável para as propriedades não trouxe resultados imediatos para a agricultura. No entanto, hoje o agricultor não perde mais entre 60/75 dias por ano sem trabalhar em suas plantações. "Esta, sem dúvida, é uma forma indireta de aumentar a eficiência da exploração agrícola, já que os agricultores podem dedicar mais tempo à sua atividade" — considera o pesquisador.

Este tipo de esforço, no entanto, é isolado. Só para se ter uma idéia, o Centro Nacional do Trópico Semi-Árido, já tem tecnologias para tornar grande parte do sertão nordestino altamente produtiva. Isso, no entanto, vai ficando restrito apenas às prateleiras daquela instituição, uma vez que nem o Governo nem os políticos se mostram interessados em acabar com a seca do Nordeste. Uma indústria da fome que já se tornou imprescindível para angariar votos em épocas de eleição — lembra Miranda.

## Uma nova proposta de pesquisa

Com a criação do CNPDA, a Embrapa estrutura-se pela primeira vez no sentido de tratar a propriedade rural como um todo — diz Miranda, ao reforçar sua tese de que defender a agricultura significa defender o agricultor. Ou seja, garantir a perenidade de seus recursos naturais e sócio-econômicos, conciliando objetivos de produção ao meio ambiente, das culturas e do homem.

É por esta razão, que o CNPDA não tem como objetivo uma cultura ou uma determinada região, mas a globalidade da atividade agrícola, desde o ponto de vista da unidade de produção, do agricultor — em particular os pequenos que têm sido marginalizados dos benefícios gerados pela pesquisa.

Segundo Miranda, o CNPDA não quer repetir o que é comum hoje, nas instituições de pesquisa agropecuária, onde se observa uma grande inadequação entre suas propostas e as necessidades dos agricultores. Ele lembra que a organização de projetos de pesquisa extremamente analíticos, voltados para um determinado produto não tem sido capaz de responder às complexas exigências colocadas pelos sistemas reais de produção dos agricultores.



Evaristo de Miranda considera que o desenvolvimento da agricultura tem que passar, necessariamente, pelo desenvolvimento do agricultor